

O QUE NÃO SE APRENDE NOS BANCOS DAS UNIVERSIDADES: A RELAÇÃO DE EXPERIÊNCIA ENTRE DOCENTES E DISCENTES

Oliveira, Ana Paula Alves¹

Duarte, Nayrhainne Souza²

RESUMO: O presente texto tem por finalidade apresentar um dos principais relatos de experiências vivenciadas no subprojeto de história do PIBID (2012/2013) da unidade de Jussara. Dentre as várias atividades desenvolvidas na escola-campo, optamos por selecionar a mais marcante, que se inicia na elaboração de um projeto de minicurso, que obedeceu ao eixo temático proposto pelo Currículo de Referência da Educação Básica de Goiás, sendo “A construção da Idade Moderna e o processo de conquista e colonização europeia do Novo Mundo”. Com o eixo temático predefinido para elaboração do minicurso, buscamos selecionar um tema que permitisse aos estudantes o contato com importantes conceitos históricos. Outro aspecto preponderante para o recorte temático, teórico e metodológico da elaboração do projeto, consiste na gama de informações colhidas e observadas ao decorrer do intenso processo de monitorias. Monitorias estas que se iniciaram a partir do 1º semestre do ano letivo de 2013 e constituíram ferramentas importantíssimas para a formação profissional dos futuros docentes. Partindo desses pressupostos chegou-se ao tema: “Mundus novus a visão do outro”. Tema que foi fruto de pesquisas e recortes teóricos, entretanto que careceu de adaptações didáticas para a aplicação, tendo em vista a turma do 7º ano do ensino fundamental segunda fase. Este projeto mostrou que o ensino de História se constitui em processos contínuos, que devem ser compreendidos, visando desenvolver indivíduos críticos e ativos perante a sociedade atual, partindo do princípio de aceitação e respeito com a cultura do “outro”, uma vez, que vivemos numa sociedade multicultural. De acordo com as expectativas citadas acima acredita-se, mediante as discussões em sala e a correção das atividades avaliativas, que a maioria dos alunos conseguiram captar o principal objetivo do minicurso, nos proporcionando assim experiências provenientes do contato com os alunos, que não podem ser ensinadas nem nas melhores aulas das Universidades.

Palavras-chave: Experiência. Minicurso. Docência.

A oportunidade de participar do PIBID possibilita aos discentes bolsistas proporcionar experiências extras em relação à profissão que escolheu. Além também de capacitar e

¹ Discente do curso de licenciatura plena pela Universidade Estadual de Goiás, na Unidade Universitária de Jussara, do 3º ano do curso de História.

² Discente do curso de licenciatura plena pela Universidade Estadual de Goiás, na Unidade Universitária de Jussara, do 2º ano do curso de História.

aprender sobre várias etapas que um professor desenvolver durante um ano letivo; como por exemplo, planos de aula, projetos, minicurso e outros. Uma oportunidade de aperfeiçoamento da didática enquanto ainda está na graduação, servindo com uma pré-preparação para as aulas de didática e metodologia do ensino de história, que culminará no estágio supervisionado.

Para melhor organizar os bolsistas, foram divididos em duplas, no intuito de atender todo o ensino fundamental vespertino da escola campo, o Colégio Estadual Dom Bosco. A turma do 7º B ficou a cargo da dupla Ana Paula e Nayrhainne autoras deste pequeno texto. A nossa monitoria começou logo no primeiro dia de aula desse semestre, dia 28 de janeiro de 2013, numa segunda-feira, seguindo até um prazo indeterminado.

A princípio foram duas semanas de monitorias de observações, coordenada pela professora titular e coordenadora de área do projeto PIBID Idelma do Carmo. Foram semanas produtivas, observamos vários aspectos da turma, como por exemplo, percebemos que a turma se distrai facilmente, que entre eles possuem um bom entrosamento, que existe alunos que não fazem tarefa, simplesmente fazem uma reprodução da atividade do outro. E tantos outros.

O convívio em sala de aula nos aproximou dos alunos e proporcionou significativa aprendizagem, uma vez que observamos a forma como a Professora titular ministrar sua aula na turma. O 7º ano B do turno vespertino é uma turma grande, quase 40 alunos muito agitados e que se dispersam facilmente. Os dados e observações obtidos nas monitorias foram preponderantes para a elaboração do plano de aula e o cumprimento desta.

Dessa maneira seguindo o cronograma de atividades elaboradas pela professora coordenadora de área do (PIBID 2012/2013) Ordália Cristina. Planejou-se a elaboração de minicurso temáticos, para todas as duplas do PIBID. Os minicursos deveriam ser aplicados como atividades em horário normal de aula da disciplina de História, no horário vespertino do Colégio Estadual Dom Bosco – escola campo do PIBID de história. As duplas continuaram divididas da mesma forma, e a aplicação do minicurso seguiu a mesma divisão das turmas selecionadas para monitoria, que vinha sendo realizada anteriormente. O tema do minicurso de cada dupla deveria seguir o Currículo Referência da Rede Estadual de Educação de Goiás 2013, uma vez que o minicurso aconteceria no período regulamentar de atividade escolar de cada série do ensino fundamental.

Foi na reunião mensal do dia 06 de Março de 2013, no prédio da UEG, que a professora coordenadora de área, Ordália Cristina e a professora supervisora Idelma Ferreira, juntamente com todos os bolsistas de História decidiram traçaram alguns aspectos necessários para a elaboração do minicurso. Elaborar um projeto, que vise trabalhar com conceitos históricos no minicurso, foi um aspecto importante decidido na reunião. Outro aspecto que é preponderante para o PIBID é a produção de material didático, para os professores, então essa preocupação deveria ser pensada na elaboração dos minicursos. Trabalhar com documentos históricos referentes ao conteúdo, na realização das atividades também constitui um aspecto importante para aplicação do minicurso.

Como a criação de projetos e minicurso constituem-se uma das características desenvolvidas nas escolas, que visam amenizar alguns pontos que as escolas percebem que está havendo dificuldades ou problemas que surjam durante o ano letivo que não estavam englobados no PPP da escola, que necessitam ser trabalhados com os alunos. A fim de estimular neles um raciocínio de compreensão da proposta que a escola pretende abordar com o projeto. Assim, além de situar os alunos bolsistas com relação à criação de um projeto de âmbito escolar. Possibilita-os compreender a ação social que os projetos em si desenvolvem. Uma troca de conhecimento entre alunos e professores. No sentido de que o projeto possibilita a abertura para novos olhares, principalmente na concepção de história perante os alunos.

Determinado alguns aspectos importantes para elaboração dos minicursos, a professora Ordália apresentou a referência, visando ajudar as duplas na elaboração de cada minicurso. A principal referência utilizada para a elaboração dos minicursos foi, FONSECA, Selva Guimarães. Projetos de trabalho: teoria e prática. In: 2006, 109-116. Esse material ajudou-nos consideravelmente para conhecer os requisitos que um minicurso deve conter, sendo uma referência indispensável, portanto para a construção do nosso minicurso.

Nós bolsistas Ana Paula e Nayrhainne formaram uma das duplas selecionadas para a elaboração do minicurso. Continuamos responsáveis pela monitoria da turma do 7º ano B, do turno vespertino do Colégio Estadual Dom Bosco, onde também aplicaríamos nosso projeto de minicurso. De acordo com o Currículo Referência da Rede Estadual de Goiás, o eixo temático do nosso minicurso, foi: O processo de conquista e colonização europeia do Novo Mundo. Onde definimos como tema para o minicurso: “Mundusnovus a visão do outro.”

Devido ao tempo reduzido, de no máximo três aulas com 50 minutos de duração, optamos por um recorte teórico que enfatizasse o “encontro” das duas culturas, europeia e indígena, ou como autor Francisco Iglésias prefere dizer o “[...] choque de duas culturas.” (IGLÉSIAS, Francisco. 1992 p. 26). É também problematizando na atualidade à discussão a respeito da necessidade de entender e respeitar o outro (indivíduo) em nossa sociedade.

Como todo trabalho demanda conhecimento e dificuldades, ainda mais quando se é o primeiro projeto que se desenvolve. Dificuldades existiram a todo o momento, mas através de leituras e orientações se chegou numa proposta satisfatória. Para que isso ocorra de maneira satisfatória, selecionamos aportes teóricos que nos possibilitou trabalhar com a proposta de conteúdo apresentada no projeto: A América Portuguesa, a chegada dos Portugueses em terras desconhecidas, hoje o Brasil, a descoberta de “Mundusnovus”. Para isso utilizamos como principais referências teóricas, as cartas de Américo Vespúcio, Francisco Iglésias, Arno Wehling, Maria José Wehling, Lourenço Dantas Mota, entre outros.

Buscamos ao elaborar o minicurso, proporcionar o ensino do conteúdo de forma “leve”, divertida e com a integração dos alunos. Lembrando as palavras do professor Leandro Karnal “A primeira lição da experiência em sala de aula é que as formulas só servem quando são idealizadas numa aula estática”. (KARNAL, Leandro. 2005 p. 11) Não possuímos receitas prontas para realizar uma boa aula, sendo assim a experiência das monitórias e o conhecimento da turma, na qual aplicaríamos o minicurso foi preponderante para a escolha da metodologia a ser empregada.

Dentro do conteúdo selecionado buscamos trabalhar com os conceitos de identidade, memória, cultura e aculturação. Conceitos esses que nos ajudariam a desenvolver uma discussão voltada para a importância de respeitar a cultura do “outro”, uma vez que vivemos numa sociedade e num país multicultural. Cumprindo assim com algumas das expectativas de aprendizagem contidas no Currículo Referência, como: Desenvolver atitudes contrárias ao racismo, ao preconceito e qualquer forma de discriminação; Entender o processo de ocupação do território colonial; Identificar elementos da cultura brasileira atual relacionando-os ao processo histórico de formação da nossa sociedade, e principalmente desenvolver um olhar crítico nos alunos, que os ajude a se situarem na sociedade atual.

Nesse caso o projeto se pautou essencialmente na questão do descobrimento da América e dessa relação que se instaurou entre o branco e o índio. Dessa maneira o projeto veio com uma boa proposta, visto que nossa sociedade se pauta em discutir a respeito dos

ideais de liberdade de respeito pelos outros, mas que na prática ocorre ainda muito preconceito, em não aceitar as diferenças dos outros. Então além de trabalhar a história do descobrimento da América, também se propôs problematizar a visão preconceituosa que se instaurou na nossa sociedade a partir da suposta descoberta da América. Submetendo os índios como um simples povo que precisa ser “educado” de acordo com os padrões morais e éticos da sociedade européia. Negando a sua cultura e suas origens.

Com base em todas as informações contidas acima e no projeto elaborado, nosso minicurso de história do Brasil foi aplicado nos dias 24 e 25 de Abril de 2013. Sendo o 1º momento aplicado no dia 24 no 5º horário e o 2º e 3º momentos no dia 25, 5º e 6º horário. No 1º momento ou aula, a metodologia escolhida para o levantamento de conhecimento prévio dos alunos foi uma dinâmica, com o intuito de promover a integração dos alunos de maneira divertida. Proporcionar aos alunos uma descontração, no sentido de que eles pudessem se aproximar mais dos alunos bolsistas e dos próprios colegas.

Selecionamos imagens e frases que se relacionavam ao período de encontro entre as duas culturas, que foram colocados dentro de bexigas de ar. Propomos a eles uma brincadeira, para podermos levantar um conhecimento prévio sobre o processo de colonização da América portuguesa. Essa brincadeira lhes atribuiu o nome de “batata quente do conhecimento” com a turma em círculo, a bexiga passava de mão em mão e quando a música parasse o aluno que estivesse segurando a bexiga, deveria estourá-la e dizer o que sabia sobre a imagem ou frase. Esse exercício proporcionou, por um lado a oportunidade dos alunos demonstrarem seu conhecimento sobre o assunto, e por outro nos disponibilizou a oportunidade de diagnosticar qual era conhecimento da turma, e em que pontos deveriam enfatizar mais.

As imagens foram “coladas” no quadro, e escreveu-se o que os alunos atribuíram sobre elas respectivamente. Posterior esse levantamento, identificamos o que era mais necessário esclarecer e realizou-se uma aula expositiva dialogada sempre sendo analisando as imagens. Nesse aspecto a dinâmica desenvolvida foi muito produtiva, pois percebemos que os alunos se interessam por aquilo que a chamam atenção dos olhos, como as imagens. Explicar o conteúdo relacionando as imagens possibilita desenvolver um quadro mental de maior amplitude sobre a absolvição do conhecimento. Isso porque nos seres humanos temos maior facilidade de relacionar qualquer conhecimento, utilizado do campo visual. Aprender através das imagens possibilita alargar o campo de compreensão e assimilação do conhecimento.

As imagens como parte da explicação do conteúdo, possibilitaram as professoras bolsistas desenvolver uma explicação com base na interdisciplinaridade com campo de saberes da geografia, sociologia e antropologia. Através da demonstração das rotas marítimas, saindo de Portugal rumo as Índia, tornou possível que os alunos questionarem, o porquê não era melhor ir por terra ou pelo mar mediterrâneo. Isso iria encurtar a viagem. O que se percebe é que os alunos do ensino fundamental estão bastante ligados com relação a qualquer uso de imagens.

O mundo ao nosso redor trabalha muito com a ideia de audiovisual, nesse sentido os alunos vão às salas de aulas carregadas com tendências culturais da atualidade. É tornar o ensino de modo mais ilustrado, faz com que os alunos não se distraiam com maior facilidade das aulas de história. Que as aulas possam desenvolver interesse nos alunos. E ao mesmo tempo possibilitar com que os alunos criem sua própria visão de mundo e que possam se inserir dentro da construção historiográfica da sociedade em que habita.

Pautadas em Iglésias buscamos criticar a ideia do “descobrimento” do Brasil., pois o autor diz que somente territórios desabitados são descobertos. Com a frase 22 de Abril de 1500 colocada na bexiga, buscamos mostrar um olhar crítico para os alunos sobre a data do chamado “descobrimento” do Brasil. Algumas perguntas foram pertinentes e importantes para a problematização do nosso projeto. O que significa descobrir? O território “descoberto” já se chamava Brasil? E principalmente repensar criticamente na velha pergunta quem foi Pedro Álvares Cabral? Os índios realmente são povos primitivos?

Todas essas indagações e várias outras, foram importantes para problematizar a ideia estática e mecânica de estudar o período colonial Brasileiro. Claro que adaptamos esses questionamentos de forma didática, uma vez que aplicamos o minicurso para alunos de 7º ano. A principal intenção era mostrar aos alunos que o estudo de história e principalmente a chegada dos europeus no território que hoje é o Brasil não deve ser concebido para decorar datas e nomes importantes. Compreender como se deu o processo histórico deste período é bem mais interessante e consiste no nosso objetivo principal.

O processo do primeiro contato entre os índios e o branco europeu, que só temos relatos de cartas escritas por homens brancos, do qual coloca o índio como um selvagem sem lei, sem uma estrutura social, nem com uma organização comercial, como afirma Américo Vespúcio (2003). Que necessita ser educado. O que se propôs aos alunos foi que, em nenhum

momento os europeus se propuseram a entender e respeitar a cultura dos índios. Apenas agiram de maneira gananciosa e maldosa.

Os europeus se consideravam homens civilizados e toda sociedade que não seguisse os padrões morais e religiosos que eles apoiavam, eram considerados bárbaros. Mas essa concepção deveria ser ao contrário, no sentido de que o europeu utilizava de todo seu poder (táticas de guerra) para submeter outras civilizações através da morte deste. Nesse caso, quem seria o bárbaro na história? São alguns pontos que as professoras bolsistas quiseram levantar discussões que visem à compreensão do período histórico abordado.

Todas essas indagações e várias outras, foram importantes para problematizar a ideia estática e mecânica de estudar o período colonial Brasileiro. Claro que adaptamos esses questionamentos de forma didática, uma vez que aplicamos o minicurso para alunos de 7º ano. A principal intenção era mostrar aos alunos que o estudo de história e principalmente a chegada dos europeus no território que hoje é o Brasil não deve ser concebido para decorar datas e nomes importantes. Compreender como se deu o processo histórico deste período é também como objetivo produzir de maneira racional nos alunos a capacidade de entender e aceitar as diferenças dos outros indivíduos. Sabemos que no mundo todas as pessoas possuem duas particularidades. E que para manter a harmonia social, devemos com cidadãos que somos buscar respeitar os direitos dos outros sem julgá-los, por aquilo que não conhecemos.

No segundo momento, realizado no dia 25 de Abril, trabalhou-se com documentos a partir da análise da letra da música do Legião Urbana, denominada índios. A intenção era proporcionar uma discussão contextualizada do período histórico estudado. Reforçar a concepção de cultura indígena e respeitá-la, que infelizmente ainda sofre bastante preconceito pela maioria da sociedade. Uma sociedade capitalista, neoliberal que estimula cada vez mais a concorrência e o individualismo, criando assim um cenário propício para ampliar o preconceito multicultural.

O último momento foi destinado ao fechamento do conteúdo, as considerações finais, de ambas as partes e a aplicação das atividades avaliativas, que diagnosticaram a apreensão do conteúdo ensinado. Apesar da problemática do tempo reduzido a apenas três aulas para a aplicação do minicurso, acredita-se que o principal objetivo foi realizado com sucesso. Verificou-se a interação dos alunos na aula, e a compreensão do conteúdo pela maioria. Buscou-se ao final do minicurso apresentar o ensino de história como um processo contínuo, que deve ser analisado, nunca julgado. Assim a gama de fatores que constituem a chegada dos

européus em território “brasileiro” é de relevante importância para a formação da sociedade brasileira em que vivemos, e seu conhecimento é muito importante para a formação de uma sociedade mais crítica, justa e igualitária.

Agradecimentos

Agradeço ao fomento do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID da CAPES, pela bolsa.

Referências:

AMADO, Janaina e FIQUEREDO, Luiz Carlos. (Orgs.) *Brasil 1500 Quarenta documentos*. ed. São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 2001.

BLOCH, Marc Leopold Benjamim. *Apologia da história ou ofício do historiador*. Ed, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

Disponível em: <<http://letras.mus.br/legiao-urbana/92/>> Acesso dia 22 de abril de 2013.

Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/indios/>> Acesso dia 22 de abril de 2013

FONSECA, Selva Guimarães. *Projetos de trabalho: teoria e prática*. In: 2003, 109-116.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. *Linguagem, Cultura e Alteridade: Imagens do outro*.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a02.pdf>. Acesso dia 22 de abril de 2013

IGLÉSIAS, Francisco. *O encontro de duas culturas*. Estudos avançados. 1992.

KARNAL, Leandro.

MOTA, Lourenço Dantas (org). *Um banquete no trópico*.

PRIORE, Mary Lucy Murray Del. *Retrato da América quando jovem: Imagens e representações sobre o Novo Continente entre os séculos XVI e XVIII*. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.9, 1992, p.3-13.

Universidade Estadual de Goiás
Coordenação Institucional do PIBID / Pró-Reitoria de Graduação
Anais do I Encontro do Programa Institucional de Bolsa de Incentivo à Docência (PIBID)
6 e 7 de junho de 2013

VESPÚCIO, Américo. *Novo Mundo: as cartas que batizaram a América*. Ed. São Paulo:
Editora Planeta do Brasil, 2003